

Ponencia preparada para el Encuentro Internacional Civilización o Barbarie – Desafíos del Mundo Contemporáneo. Portugal 2004

# A luta dentro dos Estados Unidos

Por John Catalinotto

A primeira grande etapa na luta entre a civilização e a barbárie neste século XXI é a que segue o atentado contra as torres gémeas do World Trade Center em Nova Iorque e contra o Pentágono em Washington no dia 11 de Setembro de 2001.

Este atentado e a utilização pela administração Bush do estado psicológico que o atentado produziu ajudaram o Presidente e a sociedade a prepararem o terreno para a «guerra sem fim».

Pessoalmente, compreendo bem este estado psicológico. Eu também trabalhei no trigésimo primeiro andar da torre 1. Naquele dia, estava atrasado para o trabalho. É por isso que meu medo e trauma foram menores do que poderiam ter sido.

A maior parte dos elementos reaccionários e agressivos que constituem a administração Bush soube como utilizar este atentado. Esta tragédia foi, para o arrogante bando corporatista que agora controla a Casa Branca, uma oportunidade para lançar uma ofensiva militar e conquistar o mundo.

Um mês depois, Washington já havia lançado a guerra no Afeganistão. Acabou destruindo o regime taliban e substituindo-o por um governo fantoche.

O grupo Rumsfeld-Wolfowitz-Cheney indicou desde o começo o verdadeiro alvo: o Iraque e os 10 por cento de reservas de petróleo do mundo do país. Os Estados Unidos quiseram atacar sozinhos, com sua esmagadora superioridade militar. Não ofereceram a seus rivais, a França e a Alemanha, parte alguma da pilhagem.

Toda a destruição maciça da guerra de Março-Abril 2003, todas as matanças e feridas infligidas a dezenas de milhares de iraquianos, soldados e civis, toda esta guerra absolutamente não provocada e lançada como "guerra opcional", tudo isto tinha como objectivo o roubo das segundas maiores reservas petrolíferas do mundo para o benefício e os lucros das empresas de petróleo. Tudo isto tinha como objectivo o estabelecimento de um controle total sobre este recurso estratégico, que é a chave para a dominação económica da Europa, do Japão e de todo o mundo industrializado.

Deve-se dizer também que esta foi uma guerra efectuada por meio de bases militares, a primeira etapa de um plano para recolonizar não só o Iraque como também o Irão, a Síria, a Líbia e o Médio Oriente, e, finalmente, o mundo inteiro.

Esta região do globo é o "motor da economia mundial". A guerra contra o Iraque foi uma manifestação de uma estratégia: a chamada "Doutrina Bush". Esta afirma o direito absoluto de Washington de iniciar guerras "preventivas" e implementar "mudanças de regime", ou seja, o direito de Washington de derrubar qualquer governo do mundo que tente manter sua independência e se torne obstáculo à dominação do mundo pelos EUA e pelo seu império, quer seja a Coreia do Norte, Cuba, Zimbabwe ou, finalmente, a

China.

No Primeiro de Maio de 2003, George W. Bush comemorou a conquista norte-americana do Iraque. Aterrizou num jacto em cima do porta-aviões USS Lincoln. Atrás dele, uma grande faixa proclamava : "Missão cumprida". Muitas pessoas no mundo inteiro devem ter considerado isto como o triunfo da barbárie sobre a civilização. Naquele momento, é claro, o mundo só tinha visto a pilhagem, nos museus, das obras de arte iraquianas do tempo da Babilónia e dos começos da civilização. Mas isto era apenas o começo da ocupação estadunidense.

Era um ponto culminante para o imperialismo estadunidense, e um ponto muito baixo para a humanidade. Mas depois daquele momento, muitas coisas mudaram.

O Pentágono tem armas poderosas de destruição maciça. Washington é ainda muito perigoso.

Mas os povos do mundo recusam cessar a luta pela dignidade, recusam cessar a luta pela liberdade, e recusam cessar a luta pelo socialismo.

A luta armada continua na Colômbia, ela continua nas Filipinas, ela continua no Nepal. Continua de forma diferente na Venezuela. No Afeganistão, até agora, não há governo estável em Kabul. Há oposição armada e alguns grupos militares independentes em todo o país.

Mas o facto mais importante é que, até agora, os iraquianos recusaram submeter-se à ocupação estadunidense.

Não tenho que analisar os desenvolvimentos no Iraque, estou de acordo com o camarada Urbano. Sobre os Estados Unidos, ele escreveu: "A guerra do Iraque assume cada vez mais os contornos de uma guerra perdida" e "A resistência que assume as proporções de uma insurreição contra os invasores, surge como herói colectivo, lutando por toda a humanidade".

Uma vitória do imperialismo no Iraque é impossível. Mas algumas perguntas devem ainda ser respondidas. Qual será a duração e o custo desta guerra para os iraquianos? O movimento mundial será capaz de unir seus esforços ao movimento dos iraquianos para parar a máquina de guerra estadunidense? Uma luta mais ampla pelo socialismo poderá se desenvolver?

Para responder a esta pergunta, minha parte desta discussão se concentrará num ponto importante: qual é a contribuição da luta da classe trabalhadora dos Estados Unidos para a luta no mundo inteiro.

É preciso talvez abordar este assunto de outra maneira. Para poder lançar-se em aventuras militares, a classe governante dos Estados Unidos depende do controle ideológico que tem sobre a população estadunidense. Utiliza todos os media, cada forma de educação para assegurar-se que a classe trabalhadora esteja submetida a seu controle. A pergunta então é a seguinte: é possível romper este controle? É possível que os trabalhadores lutem para seus próprios interesses em vez de servir passivamente o Império?

Sou optimista, mas não quero exagerar nossa contribuição. Quero apenas acabar com

as mentiras dos media que iludiu o mundo inteiro sobre a situação nos Estados Unidos. Há, nesse país, uma classe trabalhadora. Há trinta e seis milhões de pessoas vivendo na pobreza. Há quarenta e cinco milhões de seres humanos sem seguro de saúde algum. Há dezenas de milhões de imigrantes recentes e há 35 milhões de afro-americanos confrontados com o racismo. Há dez milhões de desempregados.

Há um grande sector desta classe trabalhadora que está começando a se organizar para lutar. E há também anti-imperialistas e comunistas nos Estados Unidos, quer vocês acreditem ou não. Talvez não sejamos em número suficiente, mas lá estamos.

Para começar a responder à pergunta acima, descreverei três novas áreas de luta que se desenvolveram a partir de Seattle em 1999: 1) o movimento anti-guerra em seu conjunto e a juventude; 2) a oposição à guerra dentro das forças armadas dos Estados Unidos; e 3) a tentativa de organizar os sectores os mais progressistas do movimento operário no que foi chamado a "marcha de um milhão de trabalhadores" em Washington no dia 17 de Outubro.

#### 1) o movimento anti-guerra e a juventude

Uma luta muito estimulante se desenvolveu no final de Agosto e no começo de Setembro em Nova Iorque. Foi na época do congresso nacional do Partido Republicano. A classe governante dos Estados Unidos e de Nova Iorque fez todo o possível para impedir que as manifestações de protesto se tornassem enfrentamentos nas ruas. Tinham medo que outro Seattle ou outro Chicago 1968 acontecesse.

Para impedir isto, tomaram duas medidas: os media mentiram e disseram que anarquistas desmiolados iam destruir a cidade; enviaram 10 000 polícias para cercar o Madison Square Garden, onde se realizava o congresso. Eu moro a 500 metros do lugar onde o congresso se reuniu. Eu que assisti a tantas manifestações nunca tinha visto tantos polícias juntos. No céu, helicópteros e até um dirigível ficaram rondando dia e noite.

Apesar de todo este dispositivo policial, cerca de 500 000 pessoas participaram da manifestação de massa no dia 29 de Agosto. Eu estava no meio da manifestação, distribuindo jornais e observando todo o desfile. Sem exagerar posso afirmar que todos odiavam George Bush. Em grande parte, esta manifestação era anti-guerra, igual em tamanho a qualquer uma das manifestações organizadas nos Estados Unidos antes da invasão de Iraque.

Muitos cartazes denunciavam a ocupação do Iraque. Milhares de vozes gritavam «Bush criminoso de guerra». Havia muitos, muitos jovens, de todas as cores, de todas as nacionalidades. E não esqueçam que muitos imigrantes têm medo de manifestar porque não querem ser deportados. Muitas pessoas tinham feito suas próprias faixas e seus próprios cartazes.

Não sei se vocês sabem que houve manifestações durante toda a semana. Alguns manifestantes tentaram realizar acções directas. Outros, que queriam manifestar calmamente, caminhavam na calçada. Os polícias aplicaram seus métodos de controle da multidão: cercaram os manifestantes, utilizaram as cercas de plástico como rede para prender os jovens. Prenderam quase 2 000 manifestantes durante a semana e levaram-nos para um antigo estacionamento de autocarros cercado de arame farpado ao lado do rio Hudson. Os jovens chamaram esse lugar de detenção "o Guantánamo do Hudson." O

chão daquela antiga garagem estava coberto de óleo e produtos químicos.

E cada vez que outro grupo novo era trazido num autocarro da polícia, os que já estavam na antiga garagem saudavam os recém chegados cantando a canção militante "Solidarity Forever". E cada dia, novas manifestações eram organizadas, e novos desafios apareciam para a polícia.

Mas o desejo de lutar era grande. Isto é motivo de esperança para o futuro.

(2) Podemos organizar os soldados?

Durante uma conferência na Europa algumas pessoas disseram que os GIs eram "mercenários", uma vez que os Estados Unidos têm um exército de voluntários. É uma questão que exige uma discussão séria.

Nos primeiros dias do movimento de massa contra a guerra do Vietname, muitos consideravam os soldados como mercenários. Felizmente, contrariando esta tese, em fins dos anos 60 e princípios dos 70 houve igualmente um movimento de protesto organizado pelos próprios soldados. No seio do movimento anti-guerra, os elementos dotados de uma consciência de classe superior e mais inclinados à reflexão política lançaram entre os cidadãos uma rede de apoio aos soldados resistentes.

Com efeito, agora muitos soldados estão no exército por causa do dinheiro e para obterem formação e treino. Mas isto não muda nada a estrutura de classes do exército.

Esta estrutura é um microcosmo da estrutura de classes da sociedade. Os grandes administradores gerais equivalem aos generais. Os directores aos oficiais. Os chefes são os suboficiais, os trabalhadores os simples GI. Isto nem sempre é evidente, mas os interesses de classe dos soldados simples opõem-se directamente aos interesses dos oficiais.

Diremos que as contradições de classe entre os soldados e os seus comandantes voltarão sempre à superfície. Mas trata-se de um exército super-poderoso do século XXI, com uma tecnologia muito evoluída, que semeia a morte à distância. Não importa, a teoria mantém-se a mesma. Já pudemos constatar muito rapidamente que não só as tecnologias mais recentes não proporcionam qualquer garantia de vitória como também que elas não modificam a estrutura de classes do exército.

Os muito ricos enviam para à guerra pessoas da classe operária e os principais oficiais superiores provêm da classe mais abastada. Isto cria contradições. Da mesma forma, as esposas e as famílias destes soldados provêm da classe operária e portanto não acreditam que tenham grande coisa a ganhar com a ocupação. Um outro ponto importante: quando se fala da luta social que ameaça o sistema capitalista ou a classe dirigente, ela põe na verdade sob pressão o funcionamento do sistema. Neste caso o exército sempre foi a principal instituição, a última arma, para defender este sistema através da repressão.

A resistência já começou . O sargento Camilo Mejia, nascido na Nicarágua e criado em Miami, declarou-se objector de consciência e assinou o documento exigido pelo Exército dos EUA para o reconhecimento dessa condição.

"Eu estive no Iraque e era um instrumento de violência, e agora decidi tornar-me um

instrumento da paz". Assim o sargento Mejia explicou a sua decisão de não voltar à guerra no Iraque. O sargento Mejia serviu cinco meses no Iraque, e em Outubro passado recusou-se a voltar.

"Esta é uma guerra motivada pelo petróleo, e não creio que algum soldado se tenha alistado para lutar por petróleo", disse Mejia. "Não me alistei para percorrer metade do mundo e me tornar um instrumento de opressão."

Desde que Mejia se recusou a servir, outros fugiram para o Canadá a fim a fim de resistirem à mobilização para o Iraque.

Em Agosto, organizámos em Nova Iorque com o antigo procurador geral Ramsey Clark uma audiência do Tribunal sobre Crimes de Guerra. Mostrámos ali uma entrevista em vídeo com Brandon Hughey, outro jovem soldado que se recusou a voltar para o Iraque. Ele disse que não quer participar em crimes de guerra. No Canadá, as pessoas montaram uma rede de apoio aos que chegam das forças armadas dos EUA, para lá poderem viver. Muitas dessas pessoas são antigos cidadãos norte-americanos que se instalaram no Canadá durante a guerra contra o Vietname.

O Pentágono está com um grande problema. Como Miguel Urbano escreveu no seu texto, não há tropas suficientes nas forças armadas voluntárias dos EUA disponíveis para que os EUA ocupem o mundo inteiro. E nos dizemos que se eles quiserem re-estabelecer a mobilização obrigatória, pode dar-se uma revolta generalizada entre os jovens e nas próprias forças armadas. Mesmo um exército de voluntários que não é verdadeiramente um exército profissional pode revoltar-se, e o Pentágono neste momento tem medo disso.

(3) A natureza da mudança na classe trabalhadora dos Estados Unidos — a "Marcha de Um Milhão de Trabalhadores"

Já em meados dos anos 1980, Sam Marcy em seu livro, "High Tech-Low Pay" (Alta-Tecnologia, Baixo Salário), escreveu sobre o carácter em mudança da classe trabalhadora nos Estados Unidos. Esta mudança envolve uma proporção crescente de trabalhadores afro-americanos, latinos, asiáticos, indígenas, de mulheres, trabalhadores imigrantes legais ou não. "Envolve também uma redução relativa na percentagem de trabalhadores capacitados e um aumento considerável na mão-de-obra semi-qualificada. Em escala total, significa também a criação de postos de trabalho com baixos salários indo de encontro aos salários mais elevados. Trata-se da diminuição no número de trabalhadores mais privilegiados, nas indústrias tradicionais, com salários mais elevados e a criação de um grande grupo de trabalhadores com baixos salários."

Quando Marcy escreveu o livro, esta tendência ainda estava a ser esboçada e não tinha qualquer tipo de expressão política independente. Agora, 20 anos mais tarde, está mais inteiramente desenvolvida. E a tentativa de construir o que chamamos de a "Marcha de um Milhão de Trabalhadores" começa a dar à mudança uma expressão política. (veja: <http://www.millionworkermarch.org/>)

Os comunistas desempenharam um papel principal na organização dos sindicatos industriais nos Estados Unidos nos anos 1930 e 1940. Nos anos 1950, as medidas repressivas chamadas "McCarthyismo" conseguiram afastar muitos dos comunistas dos sindicatos. A liderança da AFL-CIO cooperou com o governo de Estados Unidos em levar a cabo a Guerra Fria, já que era dominada por forças conservadoras e a percentagem de

trabalhadores sindicalizados diminuiu de 34% da força de trabalho para 12% nos dias de hoje.

Os sectores novos da classe trabalhadora foram os mais combativos nas lutas importantes mais recentes, como os trabalhadores da área da saúde, do atendimento domiciliar do sul da Califórnia e empregados de supermercados. A primeira manifestação política deste novo movimento foi a convocação para a "Marcha de Um Milhão de Trabalhadores." Não foi por acidente que os organizadores do sindicato que tiveram um papel importante na Marcha de um Milhão de Trabalhadores são afro-americanos, homens e mulheres. São militantes cujas raízes estão no movimento de liberação do negro das décadas de 1960 e 1970, e que, bem mais tarde, tornaram-se organizadores de sindicatos. Estes líderes influenciaram os trabalhadores imigrantes e também o movimento contra a guerra e conseguiram sua ajuda na organização.

A liderança conservadora da AFL-CIO recusou-se a apoiar esta marcha. Dizem que preferem concentrar seus recursos para derrotar Bush na eleição e que não têm recurso algum para outras actividades.

Apesar desta posição, muito apoio dos trabalhadores ligados aos sindicatos possibilitou o endosso destes sindicatos em todo o país para a. Estes sindicatos representam centenas de milhares, até mesmo milhões de trabalhadores.

Para ter uma ideia da política da Marcha de um Milhão de Trabalhadores, seguem abaixo algumas linhas da convocação:

"A crise enfrentada pelas classes trabalhadoras hoje é ainda mais aguda. Disfarçadas sob a forma de mentiras e enganos sistemáticos, guerras devastadoras são deflagradas às custas dos trabalhadores de toda a parte.

"Em nosso nome, um punhado de ricas e poderosas corporações vem assumindo o controle do nosso governo. Uma oligarquia de corporações e bancos troca cargos e ocupa postos no governo para empreender a guerra de classe contra os trabalhadores e manipular o Estado conforme seus próprios interesses.

"A vasta maioria de trabalhadores norte-americanos está cerceada. Os serviços sociais e financeiros essenciais para as escolas, as bibliotecas, a moradia e o cuidado da saúde estão sendo reduzidos drasticamente ou eliminados."

Continua neste tom.

Não podemos prever o sucesso da Marcha de 17 de Outubro, se terá uma adesão massiva ou se será apenas um começo. Mas, o que quer que aconteça, o esforço da organização já deu lugar a uma rede de forças dentro da classe trabalhadora organizada e do movimento progressista, e tudo isto será bom para o futuro da nossa luta.

Sabemos que os comunistas portugueses do 25 de Abril 1974 entendem a importância de solidariedade da luta nas colónias pela libertação com a luta dos trabalhadores na metrópole, e também a importância de uma organização dos soldados.

A administração Bush não é simplesmente uma gang de usurpadores. Ela representa a classe dirigente imperialista dos EUA: os banqueiros, milionários, financeiros, mais os generais, os presidentes executivos e os políticos que os servem. Ainda há uma força

que pode travá-los. Pode travá-los se estiver consciente dos seus próprios interesses e organizar-se para defendê-los. Esta força é a classe trabalhadora e os povos oprimidos de todo o mundo e especialmente a classe trabalhadora nos Estados Unidos.

Apelamos a todos os trabalhadores com consciência de classe, progressistas, combatentes anti-racistas, aquele que lutam contra todas as formas de intolerância e pela libertação das mulheres, dos gay, das lésbicas, dos bi e transexuais, pelos direitos dos imigrantes, para juntarem-se a fim de lutar contra este ultrajante projecto de um Império dos EUA. Prometemos aos trabalhadores e suas organizações de todo o mundo que prosseguiremos esta luta e esperamos a sua solidariedade e assistência mútua. Somente a solidariedade internacional dos trabalhadores e povos oprimidos pode travar o Império dos EUA antes que este capture o mundo.